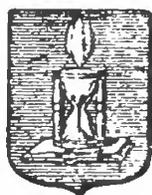


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXIII

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI

N.º 11



S. PAULO — BRASIL
1946

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Jorge Americano

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Prof. Dr. André Dreyfus

Professor de Etnografia e Língua tupi-guarani:

Prof. Dr. Plínio Ayrosa

Assistentes:

Lic. Carlos Drumond

Bel. Jörn Jacob Philipson

Toda correspondência relativa ao presente Boletim e as publicações em permuta deverão ser dirigidas à

All correspondence relating to the present Bulletin as well as exchange publications should be addressed to

CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI,
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
Caixa Postal 105-B — SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXIII

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI

N.º 11



S. PAULO — BRASIL
1946

J. PHILIPSON

“O PARENTESCO TUPI-GUARANI”

SÃO PAULO — 1946

O trabalho que constitui o presente Boletim, de autoria de nosso Assistente — Bel. Jürn Jacob Philipson, foi apresentado em seminário da Escola Livre de Sociologia e Política, e publicado pela revista “Sociologia” (vol. VIII, n.º 1, S. Paulo, 1946). A sua reedição, entretanto, justifica-se não só porque alguns enganos tipográficos de importância podem agora ser sanados, como também porque as questões ventiladas completam o estudo do mesmo A. sôbre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani, publicado no Boletim n.º 9 (S. Paulo, 1946), de nossa Cadeira.

PLÍNIO AYROSA



“O PARENTESCO TUPI-GUARANI” *

E' êste o título de um trabalho, que acaba de chegar às nossas mãos, da lavra dos Snrs. Charles Wagley e Eduardo Galvão¹. Dando-se a feliz circunstância de ter o autor destas linhas publicado poucas semanas antes uma “Nota”² sôbre o mesmo assunto, temos agora oportunidade de ver em que pontos êstes dois estudos se completam, em que divergem, e quais as objeções e adendas que nos ocorrem. Êste breve exame ainda se torna mais desejável pela coincidência de que ambos os trabalhos se baseiam parcialmente nos têrmos de parentesco dos Tapirapé, até agora desconhecidos. No do Museu Nacional publicou-se a terminologia que foi colhida por um dos autores (Charles Wagley) em 1939/40; no da Universidade de São Paulo faz-se referência à que foi colhida por Herbert Baldus em 1935, e que estava à disposição do autor em fôrma de manuscrito.

Comparando-se as duas listas de designativos tapirapé, observa-se logo que elas na maior parte são idênticas, fato de

(*) Trabalho apresentado no Seminário de Etnologia Brasileira da Escola Livre de Sociologia e Política, Instituição Complementar da Universidade de São Paulo; publicado anteriormente na Revista “Sociologia”, vol. VIII — N. 1 (São Paulo 1946), pp. 53-62.

(1) Charles Wagley — Eduardo Galvão: O Parentesco Tupi-guarani (Boletim do Museu Nacional, nova série, Antropologia n.º 6, Rio de Janeiro 1946).

(2) J. Philipson. Nota sôbre a Interpretação Sociológica de alguns Designativos de Parentesco do Tupi-guarani (Boletim LVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, n.º 9 de Etnografia e Língua Tupi-guarani, S. Paulo 1946).

grande importância, pois demonstra a honestidade de ambas as pesquisas de campo. Das divergências, inevitáveis no entanto em tais trabalhos, desejamos por ora assinalar as seguintes:

WAGLEY	BALDUS		
1) <i>Che-vi</i>	<i>Chehý</i>	mãe	(h. e m. fal.)
2) <i>Che-ropý</i>	<i>Cherovuýrangí</i>	irmão do pai	(m. fal.)
3) <i>Che-chotyragí</i>	<i>Chetutyra</i>	irmão da mãe	(h. fal.)
4) <i>Che-yura</i>	<i>Cheyragí</i>	irmã da mãe	(h. e m. fal.)
5) <i>Che-rikawiana</i>	<i>Cheyra</i>	filho da irmã	(h. fal.)
6) <i>Che-peuma</i>	<i>Cheranchaí</i>	sogra	(m. fal.)

as quais procuraremos comentar em seguida:

1) E' dificilmente explicável que para êste termo tão comum os dois pesquisadores tenham ouvido duas fórmulas tão diferentes. A única explicação que se nos oferece para a fórmula de Wagley, é que ela talvez se relacione à de Baldus como *che-ropý* (pai) a *cheruva* (Baldus: pai, não-vocativo), correspondente a *che rúba* de Montoya e Anchieta. Explicamos *che-ropý* (Baldus: *cherupý*) como sendo uma fórmula reverencial, na qual a segunda parte *pý* pode transformar-se em *vuý*³. Dando-se isso, podemos propôr a seguinte derivação: **che-hyvuý* > **che-vuý* (por haplogia, cf. *cherantykypyura* ao lado de *che-rantypyura*⁴) > *che-vi*, com o sentido de "minha mãe, a quem devo respeito".

2) O termo de Baldus foi explicado por nós⁵ como "quase pai" e é citado também por Wagley (*che-rowyrangi*), mas para designar o tio paterno do homem. Podemos presumir que *che-ropý* seja forma simplificada ou simples de *cherovuýrangí*, dando-se assim a classificação do tio paterno com o pai (Wagley: *che-ropý*; Baldus: *cherupý*), como acontece no tupi da costa⁶. Para a caracterização do tipo de parentesco ne-

(3) *Id. ib.* p. 24.

(4) Wagley — Galvão, *op. cit.*, p. 14.

(5) *Op. cit.* pp. 23/24.

(6) Cf. Vocabulário na Língua Brasilica, São Paulo 1938, p. 406.

nhuma influência tem esta variante, uma vez que consideramos *cherovuýrangí* como pai supletivo. Além disso se evidencia a identidade fundamental dos dois termos pela tendência dos sistemas tupi-guarani de não usarem termos diferentes para tios, variando de acôrdo com o sexo da pessoa que fala. Devemos corrigir aqui o lapso que ocorre a p. 26 da “Nota”, onde naturalmente se deve ler (de acôrdo com o que foi dito a p. 24, l. 23/24): “Nos tupi da costa teríamos um grau intermediário entre os dois extremos, caracterizado pela classificação do tio *paterno* como pai”, em vez de *materno*⁷.

3) Também aqui a diferença é apenas devida ao sexo da pessoa que fala. “Mulher falando”, ambas as listas estão de acôrdo (Baldus: *chetutýra*, Wagley: *che-totyra*). *Cheshotyragi* deve provir, por assimilação, de **che-totyragi*. A diferença, como no caso anterior, é apenas de grau. Levando-se ao extremo o desejo de explicar o fenômeno, procedimento sempre perigoso, pode-se talvez dizer, que para uma moça o tio materno é um verdadeiro pai-companheiro, porque ela pode casar com ele, ao passo que para um homem o tio materno é apenas um “quase-pai-companheiro”⁸. E’ verdade que hoje não se observa mais entre os Tapirapé o casamento avuncular, mas nada obsta em admitir que antigamente teria existido aqui como nas tribos, sôbre os quais temos informação afirmativa. Entre os Tapirapé, segundo Wagley e Galvão⁹, “o casamento ideal é entre gente que chame um ao outro de ‘irmão’ e ‘irmã’, mas que seja de parentesco remoto”. Este “parentesco remoto” talvez se refira aos primos cruzados, ao passo que os primos paralelos seriam considerados de “parentesco próximo”¹⁰.

4) Neste caso a divergência não pode mais ser atribuída à diferença de grau. Tanto a forma como o fato de se tratar de

(7) Corrija-se também à p. 20, l. 13, *tytý*, que deve ser *tutý*.

(8) Para esclarecimentos sôbre estas traduções cf. J. Philipson, *op. cit.*

(9) *Op. cit.* p. 5.

(10) Sôbre a ligação entre casamento avuncular e casamento entre primos cruzados, cf. J. Philipson, *op. cit.*, pp. 17/18.

têrmo usado por ambos os sexos falam contra esta possibilidade. O *y* de *yura* deve ser consoante com o valor do *j* alemão ou do *y* em *yes* do inglês, como se pode depreender de uma nota fonética meio-obscura ¹¹. Assim o têrmo deve corresponder a *yïra* (*jýra* na ortografia unificada) de Montoya e é o mesmo que aparece em *cheiyravena* ou *cheiyrakukaví* (ambos significando marido da irmã da mãe) da lista de Baldus ¹², caso em que o significado pois coincide com o que é dado por Wagley. Explicamos o têrmo como um designativo geral de parentesco, dando idéia de companheiro e usado para parentes em graus diversos. Em vista disso pensamos que *yura*, embora às vêzes usado na acepção de “irmã da mãe”, não seja o designativo legítimo, para definir positivamente este parentesco.

5) Temos aqui a inversão do caso anterior; agora o têrmo de Baldus, embora ocorrendo em formas diversas em muitos dialetos para designar o sobrinho do tio materno ¹³, apenas indica o companheiro. *Che-rikawiana*, porém, semanticamente, como pressupomos, do mesmo grupo, e um forte argumento em favor da tese do uso supletivo, defendida em nossa “Nota”, sem dúvida é designativo mais típico. E’ a seguinte a análise que temos em mente: *che* + (t)*eká.r* (= procurar) + *bia* (por) — aquele que me procura; cf. Restivo ¹⁴: *caábiarã* — *los que iran a la hierba*. (-*rã* é partícula que indica futuro). O alongamento de *bia*, segundo o “Tesouro” de Montoya, pode ser *biâra*, que pela nasalidade do dialeto tapirapé pode ter dado *-biana/-viana*. Admitindo-se que *che-rikawiana* corresponde a *rekobiâra*, palavra composta com (t)*ekó*, a tradução pode ser “meu substituto”, sentido este que também se enquadra nesta tentativa de explicação semântica.

6) *Che-peuma*, que não ocorre em outros vocabulários como têrmo da geração ascendente, linguisticamente deve ligar-

(11) Wagley — Galvão, *op. cit.*, p. 18.

(12) V. J. Philipson, *op. cit.*, p. 19.

(13) Cf. *id. ib.*

(14) Paulo Restivo: Partículas de la lengua guarani. *In Linguae Guarani Grammatica, etc.*, Stuttgartiae (In aedibus Guiliermi Kohlhammer) MDCCCXCII, p. 238.

se ao diminutivo *che-peumí* (Baldus: *chepehomí*) e ao positivo *che peũ* do guarani (Montoya) e de outros dialetos, sempre significando: meu genro, no dizer da sogra. Tentamos explicar este designativo como “quase-filho partido”¹⁵, subentendendo-se que a primeira parte significa literalmente “quebrado”. Devido-se aqui empregar este conceito de “parente quebrado” com a inversão das gerações, poderíamos então traduzir *che-peuma* por “minha mãe partida”, sentido que confere com a tradução que oferecemos para *cheranchaí* (forma nasalada e diminutiva de *che raichó*)¹⁶. Naturalmente estamos sempre concientes do carater precário destas interpretações. A *cheranchaí*, anotado por Baldus como usado por ambos os sexos, corresponde *che-chiranchai* (mãe de mulher), na lista de Wagley. Para a repetição do pronome cf. port. “minha Nossa Senhora”.

Uma diferença de outro aspecto, porque apenas se refere aos pronomes empregados, ocorre nos seguintes termos de Wagley: *chané-ranyra* (filho do irmão, h. fal.) e *chané-ranchyra* (filha do irmão, h. fal.). *Chané* é pronome da primeira pessoa do plural, inclusiva; Baldus emprega *che*, pronome do singular: *cherayra* (o *n* de Wagley apenas é sinal fonético) e *cherachyra*. Como *che-ranyra* e *che-ranchyra* significam meu filho e minha filha, o uso do pronome no plural explica-se facilmente pelo desejo de querer distinguir as duas relações de parentesco. Os dois pronomes são supletivos e em vez de termos rigorosamente classificatórios (classificatórios por homonímia) temos aqui termos classificatórios por supleção, de acôrdo com as tendências gerais na terminologia de parentesco do tupi-guarani. O mesmo evidentemente se dá com relação a *chané-memyra* (filho/a da irmã, m. fal.), designativo que não consta da lista de Baldus. E’ difícil dizer se este uso linguístico tem um fundamento sociológico. Em todo o caso podemos mencionar a seguinte passagem do “Diálogo” de Léry, autor quinhentista portanto: “*Che syý* — Companhia de minha mãe, que é esposa de meu pai, tal como minha

(15) *Op. cit.*, p. 20.

(16) *Ib.*, p. 15.

mãe”¹⁷. Se podemos acreditar nisto, o termo *syý*, que em geral significa tia materna, em caso de pólignia também era aplicado à esposa do pai que não é a mãe. Para ela, segundo este texto, *chanémemyra* (=nosso filho) seria um modo conveniente de denominar o filho da co-esposa. Se admitimos para o termo tapirapé *cheyrangí* a mesma equivalência, pode-se explicar *chané-memyra* como tendo sido usado nos dois casos e atualmente apenas pela tia materna. *Chané-ranyra* e *chané-ranchyra* podem provir da analogia com *chané-memyra*.

As outras divergências limitam-se quase exclusivamente a termos secundários, todos com exceção de *ampĩ* (mãe) e *tówa* (pai, v. caso 1), não indicados por Baldus. Estes dois são extendidos na lista de Wagley à tia materna e ao tio paterno respectivamente.

Além de publicar a lista tapirapé, o trabalho de Charles Wagley e Eduardo Galvão dá à luz a terminologia colhida por eles entre os Tenetehara, que se dividem em Guajajara e Tembé. No nosso trabalho referimo-nos aos Guajajara apenas levemente, por falta de material adequado anterior. Veja-se a p. 18, onde falamos das deficientes anotações de Ehrenreich e Froes Abreu, que agora podem ser satisfatòriamente corrigidas. Ehrenreich anotou *totira*, correspondente a *tutý* em guarani, significando tio materno e paterno. Froes encontrou *tuüre*, correspondente a *tubý*, significando tio, sem especificação. Wagley e Galvão, como era de esperar, dão *he-ruwya* (cf. *tuüre*) para tio paterno e *he-tutyra* (cf. *totira*) para tio materno. *Tutý*, especificado como tio paterno apenas, encontramos sómente num vocabulário tembé e manajé de Nimuendajú, conforme indicamos a p. 24. Este fato nos leva a crer que a lista tenetehara tenha sido levantada apenas entre os Guaja-

(17) Jean de Léry: Viagem à Terra do Brasil, São Paulo 1941, p. 264. (A restauração e tradução do “Diálogo” é de Plínio Ayrosa). Na edição de 1586 (p. 291), a grafia da palavra é *ché-sut*, restaurada por Baptista Caetano em *che sūt* (*che syyr*), em oposição a *ché-si* (*che sy*) — mãe. (Cf. Baptista Caetano: Apontamentos sobre o Abañeênga in Ensaio de Sciencia II, Rio de Janeiro 1876, pp. 76/77). Justifica-se assim a grafia adotada.

jara e que a unidade dos dois grupos talvez não seja tão completa como pensam os autores¹⁸.

Podemos ainda fazer as seguintes observações a respeito desta nova lista:

1) *He-rairuýra* — marido de irmã (h. fal.) e irmão da mulher. Este termo parece corresponder exatamente a *tai-rohire* do oiampí¹⁹ e provavelmente significa “companheiro do meu filho”, ao passo que *cherainayra* dos Tapirapé significaria “companheiro da minha criança”. Como o designativo para cunhado é completamente diferente na maior parte dos dialetos conhecidos, seria importante obter o termo correspondente no maior número possível de tribos, para ver qual é a distribuição de *(t)*ayraýra* e de sua variante (t)*ainaýra*.

2) *He-iyra* — irmã da mãe (h. e m. fal.). Este termo corresponde a *cheyura* do tapirapé.

3) *He-ratipéra* — filha da irmã (h. fal.). Na nossa “Nota”²⁰ explicamos *jetipé/jetipéra*, designativos que indicam a mesma relação, como contendo a idéia de acompanhar, companheiro. O termo tenetehara corresponde a *che-atipé* do cayuá, e em ambos os termos a primeira parte muito provavelmente indica companheiro.

Como dizem os autores a p. 6 e como acabamos de ver, será preciso obter listas de termos de parentesco de todos os grupos tupi-guarani ainda existentes; no que se refere aos Guajajara, a presente lista encheu uma lacuna importante.

Numa terceira coluna, Wagley e Galvão citam a terminologia dos Cayuá, colhida por Virginia Drew Watson²¹ e também utilizada por nós; na quarta mencionam os respectivos termos das compilações, principalmente de fontes antigas, por

(18) Cf. também Charles Wagley: Notas sôbre Aculturação entre os Guajajara (Boletim do Museu Nacional, nova série, Antropologia, n.º 2, Rio de Janeiro 1943), p. 1.

(19) Cf. J. Philipson, *op. cit.*, p. 24.

(20) *Ib.* p. 19.

(21) Virginia Drew Watson: Notas sôbre o sistema de parentesco dos índios cayuá. *In Sociologia*, vol. VI (São Paulo 1944), pp. 31-48. Nesta coluna deve-se substituir, à p. 17, *che-adjý* (mãe do pai e da mãe) por *che-djarí*. Cf. Watson, p. 48.

Carlos Drumond²² e Rodolfo Garcia²³. Do trabalho de Carlos Drumond melhor teriam empregado a reedição²⁴, na qual foram usados também os Catecismos de Araujo e Montoya e na qual já não ocorre *tuty* como “tio paterno ou materno”²⁵. O uso deste designativo como tio paterno é muito problemático, como vimos em cima. *Syý*, porém, como irmã do pai²⁶, não ocorre em nenhum lugar do trabalho de Drumond, nem em qualquer dos vocabulários consultados por nós. Provavelmente deve-se atribuir a um lapso tipográfico a citação do termo nesta linha. *Jetipeména* (*cheyetipéména*) significa de acôrdo com Montoya *yerno, marido de su sobrina, hijo de su hermana*²⁷, palavras adotadas por Drumond²⁸, que porém não justificam a citação do termo como “marido da filha, h. fal.”²⁹. De qualquer forma, pensamos que o trabalho teria ganho, se os autores também tivessem procurado as fontes das citadas compilações.

Por outro lado é evidente o valor secundário atribuído pelos autores a estes dados, desejando eles principalmente pôr em fóco as semelhanças entre o sistema dos Tapirapé, dos Tenetehara e dos Cayuá, por eles denominado de *Sistema Tupi*, comparável ao *Sistema tipo Dakota* (*Dakota type system*), de ampla difusão na América do Norte. Mas se eles reconheceram que os termos de Montoya, pela maior parte já citados na primeira edição do estudo de Carlos Drumond, não podem ser

(22) Carlos Drumond: Designativos de Parentesco no Tupi-guarani. *In* Sociologia, vol. V (São Paulo, 1943), pp. 328/354.

(23) Rodolfo Garcia: Nomes de Parentesco em língua Tupi. *In* Anais da Biblioteca Nacional, vol. LXIV (1942), (Rio de Janeiro 1944), pp. 177-189.

(24) Carlos Drumond: Dos designativos de parentesco e da partícula “tyb” do tupi-guarani. (Boletim XLVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, n.º 5 de Etnografia e Língua tupi-guarani, S. Paulo, 1944).

(25) Cf. Wagley — Galvão, *op. cit.*, p. 15.

(26) *Id. ib.*

(27) Antonio Ruiz de Montoya: Tesoro de la lengua Guarani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig (B. G. Teubner) 1876, f. 195 v.

(28) Cf. as notas aos termos N.ºs 16 e 103 (17 e 106 da reedição).

(29) Wagley — Galvão, *op. cit.*, p. 17.

enquadrados neste sistema, como então podem no fim do trabalho levantar a hipótese de que “as tribos Tupi-guaranis partilham de um sistema de parentesco comum...”? Apenas admitindo que Montoya tivesse inventado os termos descritivos para sobrinhos paralelos e primos, poder-se-ia falar então de um sistema tupi-guarani geral. A tese seria talvez interessante de defender, mas enquanto não temos elementos para comprová-la, devemos acreditar na exatidão daqueles dados.

Da comparação do sistema de parentesco dos Tapirapé, Tenetehara e Cayuá, uma vez admitindo-se a sua unidade, com o sistema Dakota, resulta, segundo os autores, apenas uma divergência digna de nota: neste último há termos para primos cruzados, ao passo que no *Sistema Tupi* as duas espécies de primos são indiferentemente designados de irmãos. Sendo assim, pensamos que não há vantagem em comparar este suposto *Sistema Tupi* com aquele padrão de relações de parentesco. Não seria mais razoável caracterizá-lo apenas pela terminologia da primeira geração ascendente, de acôrdo com a terminologia adotada por nós³⁰, tirada de um artigo de Lowie³¹? Neste mesmo artigo lemos: “Se tanto extensivamente como intensivamente se conhecessem melhor as terminologias do mundo, seria necessário tentar uma classificação geral na base de tantas categorias quantas possíveis. Por ora isso é dificilmente praticável, e um exame provisório dos grupos experimenta-se melhor com o esquema mais simples que pode ser aplicado, isto é, tomando-se um único critério significativo. O desenvolvimento histórico do assunto, desde Morgan, sugere o tratamento de parentes colaterais da primeira geração ascendente como a base mais apropriada”.

Poderíamos então dizer que estamos em face de um tipo *bifurcate merging* (tio e tia paralelos são classificados como pai e mãe; há termos especiais para tio e tia cruzados), caracterização esta que é objetiva e não implica na designação

(30) *Op. cit.*, p. 26.

(31) Robert H. Lowie: A Note on Relationship Terminologies. *In American Anthropologist*, n. s., vol. 30 (1928), pp. 263-267.

de um fenômeno universal por um nome de sistema, o qual embora ás vezes possa ser util, sempre mantem uma cor local.

Desejando-se fazer comparações, seria muito melhor, ao nosso ver, em vez de citar um tipo padrão que “dá quase certo”, procurar um grupo determinado apenas, cujo sistema de parentesco coincide em todos os pontos principais. Como tal podemos mencionar os Kiowa-Apache, nos quais, segundo McAllister³², encontramos os seguintes fatos, todos também essenciais no sistema tupi de Wagley e Galvão: “Na primeira geração ascendente há quatro tēmos (1) *ace*, ‘pai’, e todos que ele chama de ‘irmão’; (2) *nade*, ‘mãe’ e todas que ela chama de irmã; (3) *bedje*, todas que o pai chama de ‘irmã’ e (4) *baye*, todos que a mãe chama de ‘irmão’... Na geração de ego distinguem-se irmão mais velho e irmão mais jovem, *darán* e *tlaán* respectivamente; e irmã mais velha e mais jovem, *dadán* e *detcán*. Isso se aplica tanto aos primos paralelos como aos cruzados, o que pode ser surpreendente, considerando-se a diferença em comportamento e terminologia dos pais de primos cruzados. Na primeira geração descendente os próprios filhos e os de um *sibling* do mesmo sexo são classificados semelhantemente e distintos dos filhos de um *sibling* do sexo oposto”.

Tudo isso porém nos parece ousado demais, pois não acreditamos na unidade do sistema das três tribos em questão (já dissemos que a terminologia de Montoya também é diferente), nem na possibilidade de que um deles coincida com o *Sistema Tupi*, esboçado por Wagley e Galvão. O trabalho peca por falta completa de análise linguística. Se os autores tivessem consultado a segunda parte do trabalho de Carlos Drumond, teriam visto que *che syý* do cayuá deve ser traduzido por “companheira de minha mãe” e que tão pouco como êste os tēmos *che-yura* e *he-iýra* do tapirapé e tenetehara podem ser classificados com os respectivos tēmos para mãe. A extensão men-

(32) J. Gilbert McAllister: *Kiowa-Apache Social Organization in Fred Eggan (e outros): Social Anthropology of North American Tribes* (Chicago 1937), pp. 97-169; V. p. 103.

cionada do termo secundário *ampĩ* não nos parece decisiva para eles, embora coincida com o significado de “quase-mãe” que atribuímos³³ ao termo aparentemente mais legítimo *cheyrangí*, de Baldus. *He-ruwyrá* e *che-ruwy* (tio paterno em tenetehara e cayuá) correspondem a *che rubý* de Montoya e significam “companheiro do meu pai”.

Assim não vemos motivo para mudar a nossa opinião, de que não existe “o” parentesco tupi-guarani, mas sistemas diversos em grupos diversos.³⁴

(33) J. Philipson, *op. cit.*, p. 23.

(34) Cf. *id. ib.*, pp. 25/27.

SUMMARY

The present publication contains a comparison of two recently published papers on tupi-guarani kinship, one by Charles Wagley and Eduardo Galvão (O Parentesco Tupi-Guarani — Rio de Janeiro 1946, in Portuguese and English) and the other by the author himself (J. Philipson — Nota sôbre a Interpretação Sociológica de alguns Designativos de Parentesco do Tupi-Guarani — S. Paulo 1946). Wagley's and Galvão's original Tapirapé and Tenetehara (Guajajara) terminologies are discussed with reference to the linguistic and sociological interpretations offered in the "Nota". Their point of view, that the different tupi-guarani tribes tend to share a common kinship system, comparable to the Dakota System, could not be accepted, and several arguments to the contrary are brought up.

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LINGUA TUPI-GUARANI

- N.º 1 — Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1939.
- N.º 2 — Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S. J. (Notas e tradução) — Plínio Ayrosa — 1941.
- N.º 3 — Contribuição para o estudo do Teatro Tupi de Anchieta — Diálogo e Trilogia (Segundo manuscritos originais do Séc. XVI) — M. de L. de Paula Martins — 1941.
- N.º 4 — Apontamentos para a Bibliografia da Língua tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1943.
- N.º 5 — Designativos de parentesco no tupi-guarani e Notas sobre a ocorrência da partícula *tyb*, do tupi-guarani, na toponímia brasileira — Carlos Drumond — 1944.
- N.º 6 — Poesias tupis (século XV) — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 7 — Nota sobre relações verificadas entre o Dicionário Brasileiro e o Vocabulário na Língua Brasileira — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 8 — Considerações sobre alguns pontos mais importantes da moral religiosa e sistema de jurisprudência dos pretos do continente da África ocidental portuguesa além do equador, tendentes a dar alguma idéia do caráter peculiar das suas instituições primitivas. Memória por Antônio Gil (Lisboa 1854) — Reedição precedida de uma introdução de J. Philipson — 1945.
- N.º 9 — Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani — J. Philipson — 1946.
- N.º 10 — Notas sobre os trocanos — Carlos Drumond — 1946.



★ *Impresso na* ★
EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
★ *São Paulo* ★